



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 14 de agosto de 2024

Bolsas		Pontuação B3		Dólar		Salário mínimo		Euro		CDI		CDB		Inflação	
Na terça-feira		Ibovespa nos últimos dias		Na terça-feira		Últimos		Comercial, venda na terça-feira		Ao ano		Prefixado 30 dias (ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
0,98%	São Paulo	127.514	132.398	R\$ 5,449	(-0,85%)	7/agosto	5,625	R\$ 1.412	R\$ 5,992	10,40%	10,43%	Março/2024	0,16		
1,04%	Nova York	8/8	9/8			8/agosto	5,574					Abril/2024	0,38		
						9/agosto	5,515					Mai/2024	0,46		
						12/agosto	5,496					Junho/2024	0,21		
												Julho/2024	0,38		

CONJUNTURA

Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirma a deputados que o atual patamar da taxa básica, de 10,50% ao ano, é menor do que a média de vários países, mas reconhece que o custo de empréstimos ainda é "absurdamente alto"

Campos Neto: Selic não é exorbitante

» FERNANDA STRICKLAND

Em audiência pública no Congresso Nacional, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, minimizou o atual patamar da taxa básica da economia (Selic), de 10,50% ao ano, ao não admitir que os juros do Brasil são exorbitantes. Segundo ele, a média de vários países é maior.

"Não é possível afirmar que a gente tem uma taxa de juros exorbitante, apesar de ter uma inflação muito baixa. Na verdade, a gente tem uma taxa Selic menor do que a média de outros países. E temos inflação menor do que a média, ainda mesmo passando por um período de inflação global muito grande", disse Campos Neto, ontem, na Comissão de Finanças e Tributação (CFT), na Câmara dos Deputados. Ele ressaltou que, entre 2019 e 2024, o Brasil teve menor inflação com taxa de juros menor.

O presidente da autarquia reforçou que o Brasil tem tido, sim, uma desancoragem das expectativas de inflação, o que é preocupante. "Ainda é verdade que as taxas de juros (dos empréstimos) no Brasil são absurdamente altas, isso a gente não discute. O que a gente está querendo mostrar aqui é que, ao longo do tempo, a gente tem sido capaz de trabalhar com taxas básicas de juros mais baixas comparado com outros intervalos na história, tanto

na parte real (descontada a inflação) quanto na parte nominal", afirmou.

Campos Neto declarou ainda que o Brasil tem uma taxa de juros neutra — taxa de juros real que não impacta na atividade — maior que a de alguns outros países. Vale lembrar que, na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) de junho, o BC elevou a taxa de juros neutra de 4,5% para 4,75% ao ano.

Campos Neto disse aos deputados que, como o processo de desinflação tem se arrefecido no país, a autoridade monetária manterá o foco no processo de convergência do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial, para a meta, de 3% ao ano, com teto de 4,5%. "O Banco Central tem atuado de forma técnica e autônoma para cumprir as suas missões", disse Campos, lendo um slide preparado para a Comissão. "Mais recentemente, as decisões têm sido unânimes no Comitê de Política Monetária", acrescentou, em referência às últimas duas reuniões, que foram consensuais para a manutenção da Selic no atual patamar.

Conforme dados do IBGE, o IPCA de junho acelerou acima do esperado e registrou alta de 4,5% no acumulado em 12 meses, acendendo o alerta entre analistas do mercado que passaram a não descartar alta da Selic ainda neste ano, se dólar ficar acima de R\$ 5,60 até dezembro.

Vinicius Loures/Câmara dos Deputados



Em audiência na Câmara, presidente do BC reforça que piora das expectativas de inflação é preocupante

Otimismo na Bolsa

Um dia depois de o diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo — um dos nomes mais cotados para substituir Campos Neto a partir de janeiro de 2025 — fazer coro com o presidente do BC no discurso da ata do Copom de que o colegiado "não hesitará" em subir os juros, caso for necessário, o mercado

financeiro seguiu mais otimista.

A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) subiu 0,98% e fechou o dia a 132.378 pontos, impulsionada por dados de inflação no atacado dos EUA que vieram conforme o esperado. Já o dólar comercial recuou 0,85% e encerrou o pregão cotado a R\$5,449 para a venda.

Na audiência da Câmara, o presidente do BC lembrou que Galípolo, indicado pelo

presidente Lula, também manteve o discurso de que os juros poderão subir se houver necessidade para a inflação convergir para a meta no horizonte relevante, ou seja, até o primeiro trimestre de 2026. Mais tarde, questionado pelos jornalistas sobre a fala de Campos Neto, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, foi taxativo sobre essa possibilidade. "Nem sempre

a melhor resposta é aumentar juros", frisou.

Enquanto isso, as projeções para o Ibovespa no fim deste ano voltaram a ficar mais otimistas, com metade dos gestores da América Latina esperando que o índice fique entre 130 mil e 140 mil pontos até dezembro. Segundo o economista Otto Nogami, professor do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), a alta do Ibovespa, ontem, foi impulsionada principalmente pelos bancos, que estão divulgando balanços com lucros bilionários.

De acordo com Felipe Martins Passero CFA e especialista em investimentos, o mercado vem numa sequência de altas, impulsionado pelas altas nas ações dos bancos, que tiveram resultados positivos divulgados nos últimos dias e pelo otimismo no exterior devido à perspectiva de aumento dos juros nos Estados Unidos. "As bolsas de Nova York também operaram no campo positivo. Existe um temor de recessão nos EUA. Mas isso não tem prejudicado as ações brasileiras."

O presidente do Banco Central ressaltou ainda que o cenário internacional continua adverso e que há problemas relacionados ao aumento da dívida global e riscos associados à eleição nos Estados Unidos e à desaceleração da economia chinesa. Ele destacou que há uma preocupação maior com alguns casos, como o da Austrália, onde a inflação voltou a subir.

Setor de serviços avança 1,7%

O setor de serviços apresentou forte crescimento em junho, na comparação com maio que, após o dado revisado, registrou queda de 0,4%. Puxado pelo setor de transportes, o volume de serviços prestados no país apresentou um crescimento de 1,7% no mês passado. O dado ficou acima das projeções do mercado, de 0,9% a 1%, e foi a maior variação desde dezembro de 2022, conforme a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O setor de serviços é o que mais emprega e tem um peso em torno de 70% no Produto Interno Bruto (PIB). De acordo com informações do órgão, o setor estava 14,3% acima do nível pré-pandemia, de fevereiro de 2020. Na comparação com junho de 2023, o crescimento foi de 1,3%. E, no acumulado do semestre, o indicador registrou alta de 1,6% frente ao mesmo período do ano passado. Nos últimos 12 meses, o setor mostrou perda de dinamismo, passando de 1,2%, em maio, para 1%, em junho.

Alta disseminada

O gerente da pesquisa do IBGE, Rodrigo Lobo, apontou que o crescimento foi disseminado entre as cinco atividades pesquisadas. Segundo ele, o destaque foi para o crescimento no setor de transportes, que mostrou expansão de 1,8%, recuperando a perda de 1,5% de maio. "Esse resultado vem muito em função do

transporte aéreo, impulsionado pela queda dos preços das passagens aéreas. Mas também contribuíram o transporte dutoviário e a navegação de apoio marítimo, e atividades relacionadas com as indústrias extrativas, como a de gás e a de óleos brutos de petróleo", explicou o pesquisador.

Outro destaque positivo foi registrado no setor de informação e comunicação, que cresceu 2% após recuo de 1,1% no mês anterior. "Este ramo de atividade atingiu o ápice da sua série histórica em junho de 2024. O comportamento dos serviços de tecnologia desde o pós-pandemia tem se mostrado fundamental para o volume de serviços do país, principalmente pelo aumento considerável nos serviços voltados às empresas, notadamente os serviços de tecnologia da informação", reforçou Lobo.

As demais altas foram das atividades de serviços profissionais, administrativos e complementares, com crescimento de 1,3%, recuperando parte da perda de 3,2% observada de abril a maio. No setor, destacam-se a organização de eventos (exceto esportivos e culturais), administração de cartão de desconto e programas de fidelidade e serviço de engenharia.

As atividades de outros serviços registraram avanço de 1,6%, recuperando a queda de 1,5% registrada em maio, com destaque para serviços financeiros auxiliares, recuperação e manutenção de computadores

e corretoras de títulos e valores mobiliários. Por fim, a variação positiva de serviços prestados às famílias, de 0,3%, "foi motivada pelos espetáculos teatrais e musicais, com influência da turnê no Rio de Janeiro do Cirque du Soleil", de acordo com o gerente do IBGE.

Segundo o economista do banco PicPay, Igor Cadilhac, esse resultado reflete uma recuperação mais rápida do que o esperado das enchentes no Rio Grande do Sul, levando o setor a atingir um recorde na série histórica, 0,5% acima de dezembro de 2022. "Todas as cinco atividades analisadas na pesquisa apresentaram expansão na demanda. O maior destaque foi o setor de transportes, que cresceu 1,8%, normalizando-se após ser o mais impactado pelas chuvas. Em seguida, o setor de informação e comunicação registrou um avanço de 2%, impulsionado pelos serviços de telecomunicações e streaming", explicou.

Para Cadilhac, há uma indicação de que a atividade econômica brasileira continua apresentando um bom desempenho, sustentada por um mercado de trabalho em pleno emprego, crescimento da massa salarial e uma inflação sob controle. "Para o futuro, esperamos que esse cenário se mantenha ao longo do ano, apesar da recente deterioração do quadro inflacionário e da consequente necessidade de manter as taxas de juros elevadas por mais tempo", disse o economista do PicPay. (FS)

Respiro

O volume de serviços ganhou impulso em junho que, após o dado de maio passar de zero para -0,4%, avançou 1,7% — maior variação desde dezembro de 2022

Variação mensal — Em %



Número 14,3%

percentual dos dados de junho acima do patamar pré-pandemia, de fevereiro de 2020

Desempenho por grupos pesquisados

Dados de junho — Variação em relação ao mês anterior — Em %



Fonte: IBGE